

De detentos a salvadores de livros

| por Eduardo Godoy

Ao som da banda de rock **Made in Brazil** em uma das seguras salas da **Penitenciária Estadual de Ponta Grossa (PEPG)**, cinco detentos do regime fechado logo estampam o sorriso ao receberem a prova do jaleco branco com a inscrição 'Restaurador', recém-chegada da malharia. As mãos grossas em nada se parecem com as de médicos, porém, eles também estão em um hospital. Sejam bem-vindos ao **Hospital de Livros do Pegaí**.

A sala cirúrgica foi toda pintada pelos próprios presos e recebeu estantes carregadas de obras literárias. Uma das paredes ganhou atenção especial, com um grafite - produzido por artistas voluntários - com imagens que remetem à independência e autonomia. "Quando entrei pela primeira vez, fiquei maravilhado com essa surpresa, principalmente o balão. É um incentivo a mais pra gente sonhar com a liberdade", conta **Pedro Pereira dos Santos**, de 65 anos. A liberdade tão sonhada deve acontecer em 2018.

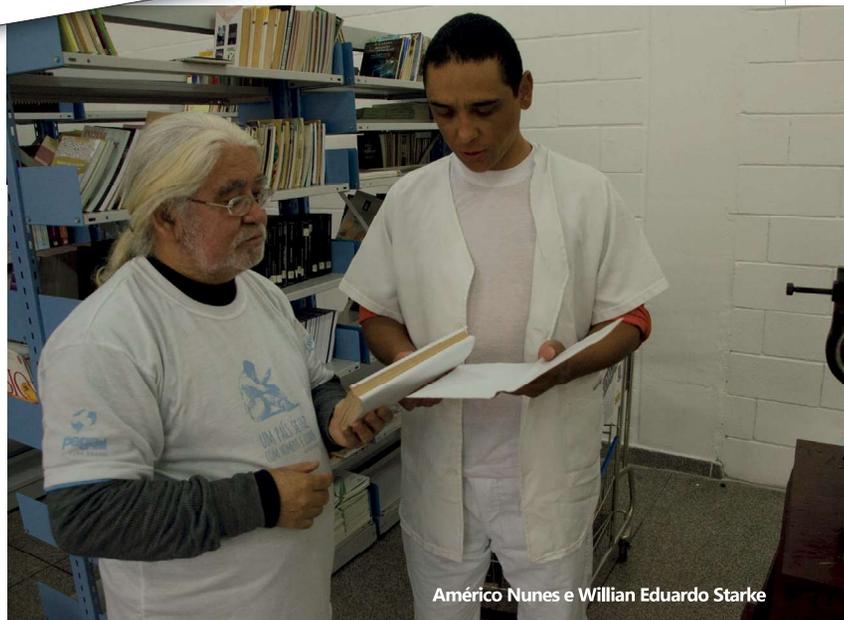
O projeto do *Hospital de Livros* tem um objetivo bem claro: curar livros doentes, restaurando suas folhas e capas. A iniciativa é mais uma ação do **Instituto Pegaí**, que tem a missão de aproximar livros sem leitores de leitores sem livros, espalhando obras de literatura (doadas por voluntários, editoras e empresas) por estantes em espaços públicos, para que as pessoas peguem, leiam e devolvam. A partir do projeto *Remissão da Pena por Estudo através da Leitura*, onde a cada livro lido por mês o detento tem redução de quatro dias de sua pena, foi criado o Hospital de Livros.

"Esta é uma situação inovadora dentro do sistema prisional, possibilitada graças à proposta séria do Pegaí", explica o diretor da PEPE, **Luiz Francisco da Silveira**, responsável por cerca de 500 presos no regime fechado e 140 no semiaberto. Ele conta que o projeto se iniciou de forma temporária em julho, pois era preciso ainda mostrar ao **Departamento de Execução Penal (DEPEN)** sua viabilidade. "Quando recebemos uma visita do diretor geral do DEPEN, **Luiz Alberto Cartaxo Moura**, ele ficou maravilhado com a proposta e logo em seguida mandou oficializar. Ele comprou tanto a ideia que disponibilizou pecúlio [renda revertida ao preso em conta poupança ou para a família] aos participantes e possibilidade de outros investimentos", comenta Silveira.

O projeto possui três fases de execução, explica **Idomar Cerutti**, coordenador e idealizador do Pegaí. "A primeira fase é para o restauro de livros do projeto e da biblioteca do **CEEBJA Professor Odair Pasqualini**, que funciona em parceria com o presídio. Na segunda fase, pretendemos expandir para outras unidades prisionais do Paraná e, em seguida, para atender às necessidades de bibliotecas públicas do estado", diz. Todo o processo conta com auxílio de voluntários, desde a doação e manutenção de maquinário à oferta de oficina de restauração, oferecida por **Américo Nunes**.

EM BUSCA DA LIBERDADE

Cada hora de trabalho é contabilizada como uma hora a menos na prisão. Ou seja, a cada três dias com oito horas trabalhadas, o detento ganha um dia de liberdade. Além disso, só a chance de não ficar isolado já é vista com alegria. É o caso de **Mariozan Mendes**, de 34 anos. "É bom que a gente fica fora do X [cela] e aprende coisas boas. Quero aproveitar estas oportunidades que estou tendo aqui para ter uma vida nova quando sair, em 2019", revela.



Américo Nunes e William Eduardo Starke

Uma das histórias mais motivadoras é a de **William Eduardo Starke**, também de 34 anos. Participando desde o início do projeto, ele se descobriu como desenhista, ilustrando as capas dos livros, que saem da restauração apenas com uma folha em branco na frente. "Livro sem capa não chama a atenção", enfatiza ele, que já produziu mais de 20 ilustrações, além de dar vida a um cordel inédito sobre o Pegaí.

William está empenhado agora em um desafio: contar, em apenas um desenho para a capa, a história do livro *A Serpente de Bronze*, uma raridade escrita em 1920 e reeditada em 1925. "O bacana é que eu preciso me envolver na história, porque às vezes o título é uma figura de linguagem", relata. A oportunidade que teve na prisão, o agora ilustrador quer passar para a frente. "Aqui aconteceu essa surpresa. Quero envolver minha filha, Emilly, de 3 anos e 6 meses, para mostrar a ela a importância do livro. E quero também voltar aqui e ensinar esta arte a outras pessoas", adianta empolgado o detento, que tem previsão de saída para 2017 ou 2018.

OPORTUNIDADE PARA O FUTURO

Todos os livros restaurados saem do Hospital com um selo indicando o nome do restaurador e do ilustrador, como forma de valorizar o trabalho desenvolvido. "Nós entendemos que todas as atividades que trazem oportunidades aos presos vêm contribuir para tentar transformar o indivíduo no âmbito interno para que, depois, possa ter um norte diferente na vida. Precisamos tratar o indivíduo de forma respeitosa", ressalta o diretor da Penitenciária.

O projeto já começa a dar outros frutos. Recentemente, uma empresa da cidade aceitou a proposta de colaborar se tornando patrocinadora do Hospital de Livros. "Acredito muito na responsabilidade que as empresas possuem com a sociedade, primeiramente sendo honestas e justas com clientes e colaboradores, pois isso gera exemplo positivo para as pessoas e influencia a vida delas diretamente, indo muito além do horário de trabalho. Apoiar um projeto como o Hospital de Livros está diretamente ligado com isso", destaca **Maurício dos Santos**, proprietário da **Virtual Informática**.

De acordo com ele, a sociedade é responsável pelo que está à sua volta. "Não basta ficarmos sentados vendo TV e reclamando que as coisas não estão funcionando como deveriam. É importante se perguntar: 'ok, mas o que eu estou fazendo pra que isso mude?'. Quando vemos um projeto tão especial, como o Pegaí, ficamos felizes em poder fazer parte de alguma forma e, assim, ajudar a influenciar o meio em que vivemos", sublinha.

Como resultado dessa união de forças, o Hospital de Livros do Pegaí é um dos finalistas do **13º Prêmio Inovare**, que identifica, premia e dissemina práticas inovadoras que contribuem para a modernização da Justiça brasileira. "Das 17 práticas aprovadas no Paraná, cinco delas são de Ponta Grossa: o próprio projeto Pegaí e o Hospital de Livros", informa Idomar Cerutti. A premiação das melhores práticas de 2016 acontece em dezembro, em uma cerimônia no Supremo Tribunal Federal, em Brasília.

Os maiores resultados, porém, são vistos individualmente, como no caso de William. "Eu moro perto de um mercado que tem uma estante do Pegaí. Meu pai me disse que as pessoas que conheço estão pegando livros lá e procurando pelas minhas capas. Isso me dá orgulho e mais motivo para buscar uma vida melhor, quando estiver em liberdade", finaliza.